

Outros olhares de Celso Furtado sobre o presidente JK

Vanessa Follmann Jurgenfeld

Resumo

Uma análise comparada sobre a interpretação do presidente Juscelino Kubitschek, presente em dois livros da extensa obra de Celso Furtado, é o foco deste artigo. Furtado integrou o governo do presidente JK, primeiro, como diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e, em seguida, coordenando a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), criada em dezembro de 1959. As revelações trazidas no livro “Diários Intermitentes”, organizado por Rosa Freire D’Aguiar e publicado em 2019, indicam uma dose de crítica mais acentuada à política econômica (que indicaria submissão aos Estados Unidos) e à personalidade de JK (que parecia importar-se mais consigo mesmo que com o país) em relação ao que Celso Furtado já havia escrito sobre o ex-presidente na obra “A Fantasia Desfeita”, publicada pela primeira vez em 1989.

Palavras-chave | Brasil; Celso Furtado; Diários Intermitentes; governo Juscelino Kubitschek.

Classificação JEL | B24 O21 R58

Other perspectives by Celso Furtado on President JK

Abstract

A comparative analysis of the interpretation on the president Juscelino Kubitschek, present in two books of Celso Furtado’s extensive work, is the focus of this article. Furtado took part on President JK’s government, first as director of the National Bank for Economic Development (BNDE) and then coordinating the Superintendence for the Development of the Northeast (SUDENE), created in December 1959. The revelations brought in the book “Diários Intermitentes”, organized by Rosa Freire D’Aguiar and published in 2019, indicate a dose of sharper criticism of JK’s economic policy (which would indicate submission to the United States) and personality (who seemed to care more about himself than about the country) in relation to what Celso Furtado had already written about the former president in the book “A Fantasia Desfeita”, first published in 1989.

Keywords | Brazil; Celso Furtado; Diários Intermitentes; Juscelino Kubitschek.

JEL Classification | B24 O21 R58

Otras perspectivas de Celso Furtado sobre el presidente JK

Resumen

Un análisis comparativo de la interpretación del presidente Juscelino Kubitschek (JK) presente en dos libros de la extensa obra de Celso Furtado, es el foco de este artículo. Furtado integró el gobierno del presidente JK, primero como director del Banco Nacional de Desarrollo Económico (BNDE) y luego, coordinando la Superintendencia para el Desarrollo del Nordeste (SUDENE), creada en diciembre de 1959. Las revelaciones traídas en el libro “Diários Intermitentes”, organizado por Rosa Freire D’Aguiar y publicado en 2019, indican una dosis más pronunciada de crítica a la política económica (que indicaría sumisión a los Estados Unidos) y a la personalidad de JK (que parecía preocuparse más por sí mismo que por el país) en relación a lo que Celso Furtado ya había escrito sobre el expresidente en la obra “A Fantasia Desfeita”, publicada por primera vez en 1989.

Palabras clave | Brasil; Celso Furtado; Diários Intermitentes; gobierno Juscelino Kubitschek.

Clasificación JEL | B24 O21 R58

Introdução

Uma das questões intrigantes da obra de Celso Furtado, nos seus mais de 30 livros publicados em vida, sempre foi a sua interpretação sobre o período da presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Inquietante observar que tendo sido parte daquele governo, tão profundamente envolvido, como diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e, posteriormente, também à frente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), criada em dezembro de 1959, Furtado não tenha reservado, entre tantas publicações, uma obra mais analítica do governo JK, completa e crítica, indo além das discussões sobre as questões que envolviam o desenvolvimento regional e mais detidamente o Nordeste¹.

¹ Durante o período que esteve no governo JK, Furtado publicou obras muito importantes, como “Formação Econômica do Brasil” e “A Operação Nordeste”, ambas lançadas em 1959. O livro “Formação Econômica do Brasil”, que possui uma análise desde o período colonial, não chega aos anos JK. Já “A Operação Nordeste”, como o próprio título sugere, se restringe à discussão sobre as ações de JK direcionadas ao Nordeste, não tendo trazido um olhar mais crítico e abrangente sobre este governo.

Em parte, essa lacuna, no entanto, foi preenchida 15 anos após a morte de Furtado, com a publicação, em 2019, de seus “Diários Intermitentes”. Este livro traz os escritos de Furtado de 1937 a 2002, organizados pela jornalista Rosa Freire D’Aguilar, viúva de Furtado.

Há passagens interessantes dos pensamentos de Furtado nos “Diários Intermitentes” sobre o período JK não expostas anteriormente, sobretudo, destacam-se as críticas que ele faz ao governo JK e à sua personalidade, desde considerar que este se importava mais consigo mesmo do que com o país, passa por entendê-lo como um conservador e um homem “estranho”, a até a compreensão de que sua política econômica seria indicativa de uma submissão aos Estados Unidos.

Para se ter uma ideia da força dos apontamentos de Furtado em “Diários Intermitentes” em relação ao que, a partir de “A Fantasia Desfeita”, livro publicado em 1989, se sabia sobre sua visão de JK, é importante mencionar que, naquele livro integrante da sua trilogia de memórias², Furtado havia comparado JK a Cristóvão Colombo, que, segundo ele, seria também um outro obstinado, que seduzia antes de convencer, tratando-se de um visionário, um estadista.

Para dar conta de uma análise comparada de como JK aparece nessas duas obras de Furtado, além desta introdução e das considerações finais, este artigo traz outras duas seções: i) as revelações dos “Diários Intermitentes” de Furtado sobre JK; e ii) os contrapontos ao JK de “A Fantasia Desfeita”³.

As revelações dos “Diários Intermitentes” sobre JK

Uma das críticas mais contundentes de Furtado a JK que foram expressas no livro “Diários Intermitentes”, publicado em 2019, denotam que ele achava que o então presidente atuava mais como força moderadora do que assumindo realmente seu papel. Essa afirmação ocorreu em junho de 1959. Naquela ocasião especificamente, Furtado se referia ao ministro da Fazenda Lucas Lopes⁴, e estava devidamente

² Além de “A Fantasia Desfeita”, essa trilogia é composta por outros dois livros: “A Fantasia Organizada”, publicado em 1985, e “Os Ares do Mundo”, lançado em 1991. Essas obras foram republicadas, em 2014, em edição conjunta denominada “Obra Autobiográfica”. Neste artigo, é utilizada essa edição conjunta.

³ É importante ressaltar que o foco deste artigo são as interpretações de Celso Furtado sobre o governo JK e excederia os objetivos propostos tecer uma análise própria sobre o governo JK (1956-1961), alicerçado no Plano de Metas, na construção de Brasília e nas políticas em torno da criação da Sudene, entre outros aspectos.

⁴ Antes de ser ministro da Fazenda de JK, Lucas Lopes havia sido ministro de Viação e Obras Públicas do governo Café Filho e do governo Nereu Ramos e tinha participado como membro

irritado com a possibilidade de JK considerar realizar uma reforma de inspiração monetarista, cedendo às pressões norte-americanas, indo então ao encontro da demanda do Fundo Monetário Internacional (FMI). “A impressão que se tem é a de que quem governa é o ministro da Fazenda e que o presidente funciona apenas como força moderadora. Cada dia o Lucas conquistava um palmo de terreno”, ressaltou Furtado em suas páginas pessoais (FURTADO, 2019, p. 158). Não só a reforma monetária em si incomodava Furtado, mas a mudança de opinião de JK sobre o assunto. Furtado escreve que foi uma “grande surpresa” quando JK lhe comunicou detalhes da proposta de reforma que foi feita ao FMI: “passar tudo para o câmbio livre, exceto café e cacau; limitar as bonificações ao petróleo, ao trigo e elementos para a indústria automobilística” (FURTADO, 2019, p. 158).

Diante da postura do presidente, de dar ouvidos ao que propunha a dupla Lucas Lopes (ministro da Fazenda) e Roberto Campos⁵ (então diretor-superintendente do BNDE), aparecia um Furtado indignado nas páginas de seus diários. Isso porque não fazia muito tempo que ele havia escutado do próprio JK justamente críticas às declarações de Campos, quando este defendeu a reforma cambial em uma entrevista na televisão. Furtado disse que tinha até ficado convencido de que JK “não daria nenhum passo no sentido da reforma cambial”. Mas, como JK mudara de visão, Furtado chega a questionar se não havia em JK um problema de caráter: “[JK] afirmou aos gritos que iria para a demagogia na praça pública mas que não cederia à pressão do Fundo [...]. E agora o homem [JK] nos diz que foi feita proposta da reforma de câmbio. Pode-se chamar a isto de instabilidade de caráter?” (FURTADO, 2019, p. 158).

A visão que Furtado tinha de Campos, em junho de 1959, era muito cristalina: dizia que ele “representa[va] o neoliberalismo” (FURTADO, 2019, p. 165). E

da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. No comando da Fazenda, ele havia elaborado o Plano de Estabilização da Moeda, em 1958, sugerindo que o governo JK adotasse uma política monetarista para o controle da inflação, entendida como resultante do excesso de gastos públicos. O plano envolvia negociações com o FMI. Ver Memórias... (2009).

⁵ Campos, em depoimento publicado em um livro de Memórias sobre o BNDE, explica que no ano de 1959 ele era diretor-superintendente da instituição. Teria sido de Campos a ideia de nomear Furtado a um cargo de diretor do BNDE. “Eu era, nesse tempo, diretor-superintendente do BNDE e, ao mesmo tempo, secretário geral do Conselho do Desenvolvimento, criado pelo presidente Kubitschek. No Conselho do Desenvolvimento se criou o GENOR – Grupo Executivo do Nordeste – para tentar escapar à tradição de soluções emergenciais e instáveis para a seca do Nordeste. Eu havia sugerido, naquela ocasião, a Lucas Lopes e ao presidente Juscelino que se convidasse Celso Furtado para diretor do BNDE. Aliás, a minha primeira ideia tinha sido – e o presidente Kubitschek havia aceitado – nomeá-lo para diretor-executivo da SUMOC, um pouco para satisfazer aos nacionalistas ávidos que achavam que Lucas Lopes e eu tínhamos uma mentalidade mais globalista, uma visão mais cosmopolita. Celso Furtado seria, digamos, o elemento nacionalista que traria um coeficiente de xenofobia para contrabalançar nossa visão mais cosmogônica da realidade brasileira” (MEMÓRIAS..., 2009).

completava, em tom ainda mais crítico: “é o economista imbuído de ideias de desenvolvimento econômico mas que não chegou propriamente a firmar-se em uma teoria autêntica do desenvolvimento, ou melhor, do subdesenvolvimento” (FURTADO, 2019, p. 165).

Esta era uma visão bastante interessante de Furtado, uma vez que ele mencionava ainda em 1959 o termo “neoliberalismo”, ideologia que só ganharia efetivamente essa denominação no Brasil a partir de 1989, com a adesão do país às ideias do Consenso de Washington e a abertura da economia brasileira no governo Fernando Collor de Mello, a partir de 1990. Além disso, nesta passagem está nítida uma crítica à postura contraditória de Campos. O cargo que este ocupava no BNDE deveria contribuir para o desenvolvimento econômico do país, mas sua preferência teórica nada tinha a ver com o entendimento do subdesenvolvimento, já que ele estava preso a esquemas teóricos neoclássicos, por suposto distantes do entendimento da realidade do Brasil e, por assim ser, incapazes de apontar caminhos para o desenvolvimento econômico brasileiro.

As críticas de Furtado envolviam ainda relacionar uma mudança de postura de Campos. Anteriormente, ele havia defendido o planejamento econômico e uma ação importante do Estado em países subdesenvolvidos, e naquele momento mostrava-se voltado a elaborar propostas com argumentos da ortodoxia econômica, que generalizavam (e ainda generalizam) esta teoria econômica como aplicável a todos os países indiscriminadamente, independentemente de tempo e espaço, e, certamente, assim ignorando a história e as especificidades dos países subdesenvolvidos.

Na medida em que foi tendo uma maior reponsabilidade executiva, o apoio da ortodoxia foi se tornando mais e mais indispensável ao Campos. A obstinação com que quer estabelecer entre nós o sistema cambial que tantos males nos causou no passado é típica disso [...]. Campos quer que regressemos ao passado, a uma posição cuja racionalidade deriva de uma falsa generalização teórica. Compreende-se que esse seja o ponto de vista do Fundo Monetário. Mas não foi por outra razão que lutamos dez anos contra o Fundo, inclusive com o apoio dele, Campos (FURTADO, 2019, p. 166-167).

Ao complementar a ideia de que aquele Campos havia mudado em relação ao Campos mais jovem que ele conheceu, Furtado chegou a dizer que entre o pensamento daquele e do “velho” Eugênio Gudín, famoso defensor do liberalismo econômico⁶ no Brasil na década de 1940 e de reconhecida controvérsia sobre o

⁶ Gudín foi ministro do governo Café Filho e responsável pela edição da instrução n. 113 da Sumoc. As críticas a essa instrução e a seus efeitos sobre a economia brasileira foram destacadas por Prado Jr. (1970, p. 314): “Pela Instrução n. 113, baixada pela Superintendência da Moeda e

planejamento econômico com Roberto Simonsen⁷, já não existia grande diferença. Outras críticas a Campos também foram reveladas poucos dias depois, como, em 3 julho de 1959, quando Furtado ficou sabendo dos comentários de Campos sobre a revista *Econômica Brasileira*, publicação acadêmica trimestral que reunia vários economistas, criada em 1955, e da qual Furtado era diretor. A crítica de Campos à revista era que nela havia “comunistas”. Ao saber disso, Furtado questionou-se: “Será que ele involuiu mais do que eu suponho? Hoje estive pensando em dar uma entrevista ao *Metropolitano* e aproveitar a oportunidade para defendê-lo. Entretanto já estou convencido de que ele é capaz de fazer efetivamente mal a este país” (FURTADO, 2019, p. 171)

A severa crítica a Campos também dizia respeito ao fato de Furtado achar que ele ganhava poder dentro do governo JK e que o presidente acabava conduzido por pessoas como ele, que defendiam o *statu quo*. Isso representava um bloqueio às reais transformações necessárias ao país:

Pude ver claramente que o grupo que ocupa as posições-chave é todo ele acomodaticio e temeroso de qualquer atitude que possa modificar o *status-quo*. Com esse grupo Juscelino jamais poderia levar adiante as medidas de independência vis-à-vis dos Estados Unidos que está “ameaçando” tomar (FURTADO, 2019, p. 161).

O uso da expressão “ameaçando” entre aspas, no trecho acima, entende-se que remete a uma certa ironia de Furtado em relação ao governo JK e sua política externa, especialmente na sua relação com os Estados Unidos. Com essa intervenção gramatical sutil, ele colocava em questão se JK estaria, de fato, fazendo algum movimento de rompimento da dependência do Brasil em relação aos mandos de Washington, como Furtado gostaria que ele fizesse. Afinal, em vários momentos, JK parecia ser convencido pelas opiniões de Campos.

do Crédito em 17 de janeiro de 1955, a Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil era autorizada a emitir licença de importação sem cobertura cambial (isto é, sem licitação prévia nos leilões de câmbio), de equipamentos industriais que correspondessem a inversões estrangeiras. Praticamente, isso dava aos inversores estrangeiros o direito de trazerem seus equipamentos sem nenhuma despesa cambial, enquanto os industriais nacionais eram obrigados a adquirir previamente, com pagamento à vista, as licenças de importação exigidas para trazerem do exterior os equipamentos de que necessitassem [...]”.

⁷ Sobre a controvérsia em relação ao planejamento econômico entre Gudin e Simonsen, ver Rodrigues (2005) e Desenvolvimento... (2010).

Na visão de Furtado (2019), JK, na verdade, tinha intenção de fazer qualquer negócio⁸ para não arruinar seu legado político para uma nova eleição presidencial em 1965⁹, depois do interregno que teria que cumprir fora da presidência da República, como previa a Constituição Federal. E essa postura incluía JK ceder e poder fechar acordos com o Departamento de Estado norte-americano para receber, em troca, seu apoio político:

No fundo, o que deseja Juscelino é um entendimento com os norte-americanos. O medo de pôr em risco algumas obras do seu governo, particularmente Brasília, o deterá sempre. De outro modo, como explicar que se haja deixado levar tão longe pelas diretrizes de Campos? Mesmo sabendo que este é um obstinado e sem percepção política?

Saindo dali não pude deixar de pensar o difícil que é governar este país sem o apoio do Departamento de Estado. E que pouco aparelhada está a chefia do governo para auto-orientar-se (FURTADO, 2019, p. 159).

A tutela dos norte-americanos em relação ao Brasil, e, especificamente, sobre aqueles que ocupavam cargos-chave no governo federal, indignavam Furtado, que, inclusive, reparava, como indicado no trecho acima, que faltava uma orientação original, ou melhor dizendo, uma interpretação própria dos problemas do subdesenvolvimento do país que orientasse o governo e sua política econômica, uma vez que Furtado pontua a ausência de uma “auto-orientação”.

A poderosa influência dos Estados Unidos sobre o Brasil é retratada por ele em outros momentos dos seus diários entre os anos 1959 e 1961. Foi interessante o relato de uma conversa, no início de 1961, que Furtado teve com JK sobre Jânio Quadros, vencedor da eleição presidencial de 1960. Nas páginas do seu diário, Furtado manifestou a opinião de que Jânio teria margem para “mover-se” no setor externo. No contexto deste assunto, houve uma opinião de JK sobre o quadro internacional que mostrava a sua visão em relação à posição internacional ocupada pelo Brasil naquele início da década de 1960, enaltecendo a sua importância. JK lhe teria dito: “Não há dúvida de que estamos entre os maiores países subdesenvolvidos. Somente Índia e China pesam mais do que nós. O Paquistão vem

⁸ Em junho de 1959, é importante dizer, que houve, entretanto, uma ruptura de JK com o FMI, o afastamento de Roberto Campos do BNDE e a saída de Lucas Lopes do Ministério da Fazenda, sendo engavetado o programa de austeridade. Este programa, contudo, será implementado pelo mesmo Roberto Campos nos primeiros anos após o golpe de 1964 (BACELAR, 2007). Obviamente, o diário traz escritos do momento que Furtado vivenciava, e nestas páginas estavam períodos anteriores à decisão de JK de rompimento com o FMI.

⁹ Essa eleição não ocorreu, uma vez que foi instaurada a ditadura civil-militar com o golpe de 1964.

depois” (FURTADO, 2019, p. 217). Em pensamentos de resposta a esse tipo de colocação, não ditos ao seu interlocutor, mas expressos nos diários, Furtado demonstra indignação com a opinião de JK, uma vez que entendia que justamente a política externa de JK tornara o Brasil mais submisso aos Estados Unidos e o quanto isso era sumariamente “esquecido” por ele. “É interessante como essa ideia de que o mundo subdesenvolvido tende a encontrar-se toma vulto. Entretanto ele [JK] nada fez neste terreno. Toda a sua política externa foi um esforço schmidtiano¹⁰ para induzir os Estados Unidos a liderar-nos com mais inteligência” (FURTADO, 2019, p. 217).

Além dessas análises sobre o campo da economia no governo JK, os diários foram reveladores de uma antipatia de Furtado em relação a aspectos da personalidade de JK. Neste caso, seus relatos passaram por denominar o então presidente como uma pessoa com mentalidade conservadora, egocêntrica, sendo mais de uma vez caracterizado por Furtado como um homem “estranho” e capaz de mentir para lograr seus objetivos.

No fim do ano de 1959, quando estava em discussão o comando da Sudene, logo após a aprovação desta superintendência pelo Congresso Nacional, depois de um longo ano de batalhas políticas, Furtado lembra que JK teria lhe dito sobre as dificuldades de nomeá-lo ao cargo de superintendente daquela instituição. Furtado relata que JK afirmou que teve que faltar com a verdade, porque havia pressão política para que ele colocasse um nome do Partido Social Democrático (PSD), mas que, mesmo assim, nomearia Furtado. É contundente a desconfiança de Furtado sobre JK poder “cortar sua cabeça” a qualquer momento e a certeza de que sua nomeação se deu muito mais pela força que tinha conquistado junto à opinião pública¹¹, e que JK não queria contrariar. O trecho abaixo traz essa visão de Furtado:

É extraordinário esse Juscelino. Tão extraordinário que eu não consigo crer nele quando fala. Continuo convencido de que ele, quando deu a entender que não me nomearia (o que permitiu aos meus adversários cantar vitória e se enfraquecer), não estava decidido a me nomear. Queria que saísse a Sudene. Quanto ao mais estava “assuntando”. Se minha

¹⁰ O termo “schmidtiano” foi explicado numa nota de rodapé, feita pela organizadora do livro, que diz ao leitor que Furtado se referia a Augusto Frederico Schmidt, um “prestigiado assessor” de JK. Com o objetivo de entender melhor o perfil deste assessor, de linha conservadora, pode-se adicionar que este conduziu a Operação Pan-americana durante o governo JK, e, posteriormente, integrou o IPÊS (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), organização de empresários a favor da ditadura, e escreveu contra o presidente João Goulart, quando este assumiu o poder. Ver <https://www18.fgv.br//cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/schmidt-augusto-frederico>.

¹¹ Sobre a luta de Furtado para a aprovação da Sudene no Congresso Nacional em dezembro de 1959 e como ele, ao longo daquele ano, conquistou a opinião pública, ver Jurgenfeld (2021).

posição se enfraquecesse, cortaria minha cabeça sem remorsos. Tanto assim que, no dia em que sancionou a lei, a um jornalista que indagou quem seria o superintendente respondeu secamente: “Ainda não sei”. Ao não cortar minha cabeça naquele momento, deu-me a vitória. O movimento de opinião pública a meu favor se avolumou de tal forma, que seria preciso outro que não JK para não nomear-me. Nisso ele nunca erra: em saber de que lado está a opinião pública (FURTADO, 2019, p. 189).

No dia do seu aniversário, em 26 de julho de 1960, Furtado traria opiniões também relativas ao conservadorismo do então presidente. Ele almoçou com JK naquele dia e, na ocasião, eles conversaram sobre a greve dos estudantes na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e as opiniões do então ministro da Educação, Pedro Paulo Penido.

Furtado decidiu escrever nos diários as opiniões de JK, expressas em uma outra conversa menos formal posteriormente, relativas ao movimento grevista e as suas impressões sobre o presidente, tendo chegado ao ponto de relatar que JK possuía um “temperamento fundamentalmente conservador” (FURTADO, 2019, p. 195). Furtado lembrou que JK não queria se envolver diretamente com o problema, para evitar desgastes, mas se dirigiu ao ministro da Educação com o seguinte posicionamento: “Não quero saber de estudante mandando em universidade. Isso será o fim’ [...]. ‘Temos que evitar que a greve se generalize” (FURTADO, 2019, p. 195).

O incômodo de Furtado com opiniões como estas o levaria a repetir observações sobre aquele conservadorismo em outras páginas dos seus diários: “É impressionante como, sendo um homem tão interessado nos problemas do desenvolvimento, Juscelino possa ser fundamentalmente tão conservador” (FURTADO, 2019, p. 196).

Ele completava esse pensamento relatando que também houve neste mesmo encontro o assunto Cuba, país que vivia a recente Revolução, ocorrida em 1959: “Comentou-se sobre Fidel Castro e ele [JK] mostrou-se muito pouco simpático ao que se passa[va] em Cuba. Comentou que Fidel era ‘um estudante no poder’. ‘Não deixa nunca de agir como um simples estudante’”, teria dito JK. Na visão de Furtado, JK também queria dizer que Fidel “não passa[va] de um irresponsável” (FURTADO, 2019, p. 196).

De opinião contrária, para Furtado, JK se esquecia de que “para fazer uma autêntica revolução de liberação nacional é necessário ter a audácia de um estudante. A mesma audácia e intransigência que caracterizou Bolívar” (FURTADO, 2019, p. 196).

É importante mencionar que essa crítica de Furtado a JK ocorria mesmo sendo propriamente Furtado também, em parte de sua obra, um crítico do marxismo e do socialismo. Algumas opiniões encontram-se em diferentes trechos de seus livros,

como em “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento”, publicado em 1961¹², “A pré-revolução brasileira”, de 1962, em um artigo autobiográfico, como “Aventuras de um Economista Brasileiro”, publicado pela primeira vez em 1973 e republicado no livro “Essencial Celso Furtado” (2013), além de constar também no próprio livro “A Fantasia Desfeita”.

Além do conservadorismo como característica da personalidade de JK, ficaria evidente nos diários de Furtado uma crítica ao seu egocentrismo, e a um certo limite intelectual para algumas discussões de maior peso.

Os “Diários Intermitentes” revelaram, por exemplo, a opinião de Furtado de que o então presidente tinha a paixão das grandes realizações e que sabia que, naquele momento histórico do país, isso era possível. E mostraram seu incômodo ao dizer que não existia “por trás disso nenhuma ‘inquietud’ social. Nenhum inconformismo”. Ou seja, do ponto de vista de JK, “o mundo deve ser desfrutado tal como existe” (FURTADO, 2019, p. 196).

Para Furtado, a transformação que JK dizia que queria fazer no país tinha um caráter mais pessoal do que qualquer outro sentido. A transformação seria assim mais por “necessidade pessoal de afirmação” (FURTADO, 2019, p. 196). Sobre essa personalidade, em um café após as eleições dos anos 1960, em que Jânio Quadros saiu vencedor, as descrições nos diários também denotaram o desconforto de Furtado com JK quando este lhe afirmou que não saberia dizer o que seria de “nós” no Nordeste se não fosse a Sudene, instituição que Furtado comandava.

A declaração de JK era muito mais uma referência ao resultado político do que à importância social e econômica que havia, de fato, no início do projeto de Furtado no Nordeste. Isso levou Furtado a escrever nos seus diários a seguinte opinião sobre JK: “Estranho indivíduo, esse. Irradia tanta simpatia e leva-nos a querer cooperar com ele. Mas não dá a sensação de atuar como presidente da República. Pareceria estar sempre mais preocupado com ele mesmo do que com a República” (FURTADO, 2019, p. 211).

Reforçando a visão de que JK se importava mais consigo mesmo do que com o país, Furtado contaria ainda sobre um chamado que lhe foi feito pelo então presidente para uma reunião, em novembro de 1960, com todos os ministros e dirigentes de autarquias. Furtado estava incluso por conta do seu cargo como superintendente da Sudene. Sobre esta reunião, escreveu: “Eu não tinha nenhuma dúvida de que o objetivo da reunião seria qualquer coisa de interesse dele e não do

¹² Apenas como exemplo de algumas críticas de Furtado, vale ressaltar este trecho extraído do livro *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* ([1961] 2009): “O marxismo dificultava o desenvolvimento livre do trabalho científico em economia, pois os seus postulados filosóficos, aceitos como dogma, emprestavam um caráter teleológico à análise econômica” (FURTADO, 2009, p. 18).

governo nem do país. Estranho esse homem. Não consigo imaginá-lo preocupado com coisas que não digam respeito à pessoa dele” (FURTADO, 2019, p. 214).

Apesar das críticas, Furtado (2019) chegou a elogiar JK. É possível mencionar dois exemplos que apareceram nos “Diários Intermitentes”. Um deles dizia respeito ao fim de 1959, quando Furtado sofria acusações forjadas, ligando-o ao comunismo, a ponto de a polícia federal o considerar um “perigoso bolchevista”. Tratava-se de uma tentativa de seus opositores enterrarem não só a Sudene, como também qualquer possibilidade de seu nome assumir o comando dela, caso o projeto passasse no Congresso Nacional. Em 31 de dezembro de 1959, dias depois de a superintendência ter sido aprovada no Congresso Nacional, Furtado elogiou a coragem de JK. “Se Juscelino fosse um indivíduo pusilânime, como sói acontecer em certos postos, eu não teria podido iniciar o trabalho que estou realizando no NE” (FURTADO, 2019, p. 186). Em outra ocasião, em março de 1960, Furtado relatou que JK era um indivíduo bastante “tenaz” na busca de seus objetivos.

Os contrapontos ao JK de “A Fantasia Desfeita”

As considerações de Furtado a respeito de JK contidas no livro “Diários Intermitentes” podem ser entendidas como contrapontos a uma visão bem menos crítica que permeou as páginas de uma das suas principais obras a respeito daquele período da história do Brasil, “A Fantasia Desfeita”, de 1989.

Em “A Fantasia Desfeita”, ao expor sua perspectiva daquele período que compreende o fim da década de 1950 e o começo da década de 1960, Furtado inicia destacando que 1958 foi um ano em que ele viu o Brasil em “extraordinária efervescência” (FURTADO [1989] 2014, p. 97). Ele salientava que JK despertara uma “enorme vaga de confiança”, abrira horizontes. A construção de Brasília, segundo Furtado, teria esfriado a ideia de que o Brasil não dava certo por omissão do governo. Na visão de Furtado ([1989] 2014, p. 97), “a personalidade fascinante de JK ocupava o centro da cena”.

Bem diferente de jogar luz sobre o seu conservadorismo, egocentrismo ou erros, nesta obra Furtado denominou o presidente JK como “autêntico visionário”, com razões próprias. E o comparou a Cristóvão Colombo, que, segundo Furtado, seria um outro “grande obstinado”, com tanta fé e certezas que contagiava outras pessoas.

Furtado ([1989] 2014) narra a seus leitores o entendimento que tinha de que JK buscava um projeto grandioso e Brasília foi vista por ele como o grande marco do seu governo. Para Brasília, seriam transferidas as instituições públicas que enfrentariam os desafios do futuro e a cidade representaria também o surgimento, em tempo recorde, de uma capital, com enormes transferências de recursos para sua edificação. Segundo Furtado ([1989] 2014), não estava em discussão, para JK, a

indisponibilidade de recursos financeiros e a pressão sobre o Balanço de Pagamentos, mas o desafio de mudar o destino do Brasil.

Entre os grandes feitos de JK à época, como Furtado relatou na “Fantasia Desfeita”, houve um aumento importante da taxa de investimento (a Formação Bruta de Capital Fixo passou de 14,5% em 1956 para 20,6% em 1959), o que criou, segundo ele, um clima de euforia na classe empresarial.

Uma das poucas críticas à política econômica foram destinadas aos resultados no plano social. Esses aspectos foram considerados por Furtado ([1989] 2014, p. 97) “inquestionavelmente negativos”. Ele citou a redução dos investimentos sociais (ele não explicou exatamente o que entendia por este termo) e a baixa dos salários reais em razão do aumento da pressão inflacionária, apesar de haver aumento do emprego. Sobre este último item, Furtado entendia que isso gerava particular descontentamento na classe média. Além disso, ele destacou que houve a elevação do endividamento externo, que depois levaria o país ao FMI¹³. De modo, no entanto, bastante sutil, Furtado lembrou que o governo JK viria a ser o período de início dos “desequilíbrios macroeconômicos” e acreditava que tais desequilíbrios serviriam de argumento para o golpe e o regime militar a partir de 1964.

Apesar dos avanços que conseguia em crescimento econômico, dizia Furtado ([1989] 2014, p. 97) que JK, em 1958, “era um general que, havendo ganhado batalhas espetaculares, tinha consciência de que o resultado final da guerra ainda era incerto”. Por isso, entendia que JK era também detentor de um “fino instinto político” (FURTADO [1989] 2014, p. 100). Tanto que quando JK foi questionado por governadores nordestinos sobre o abandono do Nordeste, enquanto seu foco era a construção de Brasília, ele passou a ter a preocupação de que a tensão política – não só vinda de governadores, mas de uma parcela do povo nordestino, organizada sobretudo no movimento de luta pela reforma agrária, denominado “Ligas Camponesas” – poderia colocar em risco o seu projeto maior, que era

¹³ Houve acordos com o Fundo em 1961 (governo Jânio Quadros) e em 1965 (governo Castello Branco). Ver <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR50290-5856,00.html>. Um acordo relevante foi o de 1983, no período da crise da dívida externa, quando o presidente era João Figueiredo. É interessante a análise realizada por Tavares e Assis sobre este acordo e a relação traçada com JK: “Da mesma forma que Juscelino, em sua época, ao romper com o Fundo não rompeu com a dependência brasileira do sistema financeiro internacional, mas de fato ‘administrou’ essa dependência de acordo com objetivos internos, o recurso do Governo Figueiredo ao FMI, no início de 1983, não pode ser considerado um ato isolado de renúncia à soberania no campo das decisões econômicas. Na realidade, trata-se de um coroamento formal de um processo cujas origens remotas se encontram no golpe de 1964 e no regime por ele instaurado, que ao longo do tempo foi deslocando o eixo da dependência econômica do campo tecnológico e industrial para o campo financeiro” (TAVARES; ASSIS, 1985, p. 79). Ainda sobre como JK lidou com o FMI e como Furtado entendia o papel do Fundo, recomenda-se a leitura de artigo escrito por Furtado na Folha de S. Paulo, em 2002, por ocasião dos 100 anos do nascimento de JK. Ver <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz1509200209.htm>.

Brasília, entendida por ele como um projeto de redenção nacional. Observa-se que o projeto maior que Furtado ([1989] 2014) vê em JK é Brasília e não a sua própria ascensão política, como descreveu nos seus diários.

Esse instinto político se complementava com a opinião de Furtado de que JK era dessas pessoas que seduziam “antes de convencer”. Isso porque, “como bom intuitivo, racionalizava mais do que raciocinava. Tudo o que sua inteligência rápida captava era posto a serviço de teses a priori adotadas” (FURTADO [1989] 2014, p. 101).

Furtado reconhecia que aquela era uma personalidade “mais complexa do que parecia”, mas, sendo bastante elogioso, a ponto de relativizar o egocentrismo de JK, o sintetizava da seguinte forma:

Ao lado da obstinação, era dotado de faculdade de ajuizamento em grau que só os verdadeiros estadistas possuem. Não obstante seu enorme ego, nunca entrava por caminho incerto, ou, se o fazia, era como um visionário, o que ocorreu no caso da construção de Brasília. Esforçava-se para ouvir e compreender o interlocutor. Não era dotado de grande poder de concentração, e seus conhecimentos sistemáticos eram limitados. Daí apresentar desconfiança com respeito a quem pretendia convencê-lo com raciocínios sofisticados. Só decidia com base em suas intuições (FURTADO [1989] 2014, p. 101).

Diferentemente do que revelariam os “Diários Intermitentes”, Furtado ([1989] 2014) entendia que a relação de JK com os seus ministros não seria de qualquer subserviência àquelas opiniões, mas a de ter tais pessoas por perto como uma estratégia política para obter adesão de determinados círculos ao seu governo. “Kubitschek mantinha essa gente em torno de si porque precisava de apoios nos círculos econômicos e financeiros, mas os tratava a gritos e sabia resistir quando pretendiam demovê-lo de certas posições” (FURTADO [1989] 2014, p. 112).

Apesar disso, Furtado ([1989] 2014) não entendia que JK fosse contra a orientação doutrinária representada pelo FMI. O próprio Furtado, entretanto, tratava de justificar essa posição do então presidente por entender haver pouca “malícia” em JK sobre o projeto dos norte-americanos para o Brasil. Segundo ele, JK não tinha

[...] suficiente malícia para perceber que o Brasil desenvolvido poderia ser um concorrente comercial, e mesmo político, para os Estados Unidos, instado no coração de sua área de influência. Mas nada o impedia de lutar com todos os meios a seu alcance por aquilo que considerava importante. Quando se sentia acuado, crescia e se colocava muito acima da mediocridade de seus auxiliares (FURTADO [1989] 2014, p. 112).

A inteligência política em JK era admirada por Furtado ([1989] 2014), como quando contou que este se aproximou dos bispos do Nordeste, que criticavam o seu governo. Furtado chegou a relatar que no famoso II Encontro dos Bispos do Nordeste, realizado em maio de 1959 em Natal, JK foi instado a levar as linhas de transmissão de Paulo Afonso (BA) para Natal (RN), o que ele assegurou ali mesmo em discurso. A promessa rendeu uma indignação de Furtado, que entendia ser esta uma demagogia, mas ele mesmo relativizaria que poderia estar, em parte, equivocado, pois se questionava se não era também demagogia pensar tão racionalmente sobre o Nordeste.

No livro “A Fantasia Desfeita” foram publicados ainda dois agradecimentos um tanto eloquentes de Furtado a JK. O primeiro ocorreu no tema da nomeação de Furtado como superintendente da Sudene. Conforme Furtado ([1989] 2014, p. 115), JK o recebeu “com aquele riso desnorteante”, que o “deixava entre confuso e constrangido”. O relato dava conta do mesmo diálogo sobre JK faltar com a verdade, mas é complementado pela notícia de nomeação de Furtado e não por críticas ao jogo político de JK, como os “Diários Intermitentes” mostraram. Furtado ([1989] 2014, p. 115) prefere descrever um agradecimento a JK, consagrando a sua determinação em colocá-lo no cargo: “Presidente, se errei quando imaginava que contaria com o apoio dos políticos do Nordeste para levar adiante essa luta, não me equivoquei quando acreditei em sua determinação”.

Em um segundo momento, Furtado ([1989] 2014) também teria agradecido a JK a oportunidade que este havia lhe dado de poder realizar um trabalho que lhe honrava e gratificava e por lhe haver defendido de interferências da “pequena política”. Referia-se à Sudene e, sobretudo, a seus contornos na política nordestina, uma vez que congressistas nordestinos votaram contra o projeto de Furtado.

Em claro sinal de enaltecimento, Furtado relatou que JK lhe teria dito que “os verdadeiros agradecimentos era ele [JK] que tinha de formular pela cooperação corajosa e competente que [Furtado] lhe havia dado” (FURTADO [1989] 2014, p. 123).

Considerações finais

A comparação entre as duas obras – “Diários Intermitentes” e “A Fantasia Desfeita” – permite a conclusão de que “A Fantasia Desfeita” trouxe mais elogios a JK do que críticas, enquanto os “Diários Intermitentes” firmaram-se muito mais nos pontos de crítica, revelando informações de JK e de seu governo não antes contadas por Furtado. E, assim sendo, possuem relevância para o entendimento do pensamento de Furtado mais profundamente acerca dos anos 1950 e 1960, e sobre o próprio JK, na sua complexidade.

Os “Diários Intermitentes”, que incluem os escritos de Furtado no calor do momento do período JK, organizados e publicados por outra pessoa que não o seu autor, sem uma edição sua em cima das próprias frases escritas, revelam-no sem filtros. Afinal, tratava-se de uma obra íntima, feita pelo autor para ele mesmo, que até então também não se sabia que seria revelada ao público em geral. São reflexões que não foram revisadas por ele, e que, portanto, não sofreram uma autocensura. E que também não tiveram o tempo transcorrido como aliado para uma revisitada que contivesse possíveis exageros ou correções de análises que a história teria mostrado como possivelmente equivocadas.

Os “Diários Intermitentes” mostraram um Furtado de escrita sob tom da indignação, inconformado com alguns rumos daquele governo. Este tipo de escrita permitiu que opiniões polêmicas de Furtado sobre JK viessem à tona, como sua postura conservadora revelada contra estudantes-grevistas, a sua ausência de inconformismo social, e a possibilidade de ele ter pensado em fechar um acordo com o FMI porque isso poderia ser pessoalmente e politicamente conveniente, ampliando a submissão do país, entre outras.

“A Fantasia Desfeita”, por outro lado, embora seja um livro escrito por Furtado com base em seus arquivos, acabou sendo um material que teve a sua própria curadoria, o que trouxe a diferença de um relato bem mais ameno nas críticas em relação a JK. Trata-se de um depoimento, revisado por ele próprio sobre o que pensava de JK. Neste, estão presentes elogios de grande impacto, como personalidade fascinante, estadista e visionário, além de agradecimentos. Sobre aquelas suas impressões dos anos 1950, ao publicá-las em 1989, Furtado pôde escolher o que expor, comentar, excluir e adicionar elementos ao que julgasse mais pertinente. Isso é algo esperado a ser feito por um autor, mas sua curadoria acabou deixando lacunas em sua análise sobre JK, principalmente no que diz respeito às críticas ao governo e à personalidade daquele presidente.

É importante mencionar que Furtado publicou “A Fantasia Desfeita” com a segura distância de praticamente 30 anos em relação aos acontecimentos do período JK, de modo que seria natural uma revisão dos seus pensamentos entre o fim dos anos 1950 e início dos anos 1960 sobre JK. Também contou com o benefício do tempo nas comparações entre aqueles anos e os presidentes que sucederam a JK.

Os “Diários Intermitentes”, curiosamente, chegaram outros 30 anos após “A Fantasia Desfeita”, trazendo um detalhamento maior daqueles tempos, com fidelidade aos pensamentos daquele Furtado jovem, que transitava para os 40 anos. Ao assim ser, os “Diários Intermitentes” surgiram como contribuições tão ou mais impressionantes do que o próprio livro de 1989 para se pensar o Brasil e o projeto em curso nos anos 1950.

Como relatos muito sinceros do exato momento vivido, os “Diários Intermitentes” contribuíram para que os leitores, que só tinham até então acesso ao livro “A

Fantasia Desfeita”, construíssem uma visão mais completa do pensamento de Furtado em relação às contradições do governo JK.

Referências

BACELAR, T. A crise da economia brasileira e a questão regional. *In*: ARAÚJO, R. C.; BARRETO, T. V. **1964 o golpe passado a limpo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2007.

DESENVOLVIMENTO: o debate pioneiro de 1944-45 - ensaios e comentários de Aloísio Teixeira, Gilberto Maringoni, Denise Lobato Gentil. Brasília: Ipea, 2010.

FURTADO, C. (1959) **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

FURTADO, C. **A operação Nordeste**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.

FURTADO, C. (1961) **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

FURTADO, C. **A pré-revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.

FURTADO, C. (1973) Aventuras de um economista brasileiro. *In*: D'AGUIAR, R. F. (org.). **Essencial Celso Furtado**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.

FURTADO, C. **Obra autobiográfica**. (A fantasia organizada; A fantasia desfeita; Os ares do mundo). Coordenação: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FURTADO, C. **Diários Intermitentes** (1937-2002). Organização: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JURGENFELD, V. F. A grande articulação política de Celso Furtado para a criação da Sudene retratada pelo Correio da Manhã. **História Econômica & História de Empresas**, v. 24, n. 1, jan-abr. 2021.

MEMÓRIAS do Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, v. 3, 2009.

PRADO JR., C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

RODRIGUES, C. H. L. **A questão do protecionismo no debate entre Roberto Simonsen e Eugênio Gudin**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TAVARES, M. C.; ASSIS, J. C. **O grande salto para o caos: a economia política e a política econômica do regime autoritário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

Data de submissão: 15/10/2020

Data de aprovação: 29/11/2022

Revisão: Daniela Matthes (português), Anderson de Miranda Gomes (inglês) e Yanet María Reimondo Barrios (espanhol).

Vanessa Follmann Jurgenfeld

Departamento de Ciências Econômicas / Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

Rua Cruzeiro, 01 – Jardim São Paulo

39803-371 Teófilo Otoni/MG, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0378-9695>

E-mail: vfolmann@hotmail.com